

UMA GRANDE FAMÍLIA¹

A GREAT FAMILY

Monique de Saint Martin*

Introdução

“Nada sem continuidade. ‘A obra-prima do homem é durar’, escreveu Goethe, e isso vale para uma nação ou para uma linhagem. Continua Brissac” (BRISSAC, 1973, p. 330). Em certa medida, esta preocupação com a continuidade está na origem dos três volumes de memórias escritos por Pierre, Simon, Charles, Timoléon de Cossé, décimo segundo duque de Brissac. Com efeito, o que se apresenta como uma narrativa de acontecimentos familiares ou contingenciais, aos quais o duque de Brissac esteve associado, ou ainda como uma espécie de diário mundano no qual são registrados, ano após ano, de 1900 até nossos dias, os

nomes dos parentes, dos amigos ou das personalidades encontradas, poderia, de fato, ter por função manifestar que a linhagem dos Brissac continua, e que o chefe atual do “nome e das armas” da família cumpriu o dever que lhe foi incumbido: “manter e honrar o nome”.

Portador de um título e de um nome dos mais prestigiosos, herdeiro de uma grande família, muito rica, da “nobreza das armas”, “que serve a França há mais de 500 anos”, ex-aluno da École Polytechnique, PDG² da Schneider-Westinghouse (filial do grupo Schneider), o duque de Brissac, que se casou com May Schneider, descendente de uma das maiores famílias de industriais, é a forma realizada e exemplar da aristocracia

1. Publicado originalmente na *Actes de la recherche en sciences sociales*. V. 31, 1980, p. 4-21. Tradução de Rodrigo da Rosa Bordignon e revisão de Monique de Saint Martin e Igor Gastal Grill. A publicação da versão em português foi autorizada pela equipe editorial do periódico.

* Directrice d'études na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales – EHESS – (Paris/França). E-mail: monique.de-saint-martin@ehess.fr

2. O Président-Directeur Général acumula as funções de presidente do conselho de administração e de diretor geral da empresa. (N. T.)

e, deste modo, exprime um caso exemplar de seu grupo ao mesmo tempo em que concentra um conjunto de propriedades particulares raras. O princípio de todas suas riquezas é, sem nenhuma dúvida, o imenso capital social herdado de sua família e que ele jamais deixou de manter e valorizar, ao mesmo tempo em que sabia, ocasionalmente, reconvertê-lo. Centro de uma rede de relações com uma extensão e densidade excepcionais – relações de parentesco, relações de escola, relações de negócios, relações de vizinhança, relações de clube, etc. – , que se acumulam e se completam, ele adquiriu desde a infância a arte e o gosto de cultivar as relações herdadas, e as ampliar. Assim, podemos ler as memórias do duque de Brissac como a história de uma empresa de acumulação e de gestão do capital social, equivalente, na ordem das biografias, às dos grandes chefes de negócios que nos forneceram os historiadores sociais.

Além das memórias do duque de Brissac, matéria prima principal das análises aqui apresentadas, examinamos as numerosas narrativas e obras escritas pelos diferentes membros da família, notadamente a duquesa de Brissac, sua mãe, a duquesa de Uzès, sua avó, a viscondessa de Luppé, sua irmã, bem como Elvire de Brissac, sua filha, e também as entrevistas que ele concedeu à imprensa ou ao rádio. Escritos principalmente para uso dos membros do grupo. Com aquela mistura de ingenuidade e segurança que autoriza o pertencimento pleno, estes documentos participam, em graus diversos e com modalidades variadas, do entendimento de celebração da família, que é um elemento fundamental das estratégias de reprodução do capital social. A análise pode, muitas vezes, fazer surgir o sentido dos incontáveis documentos, fazer aparecer as relações entre as propriedades que eles

justapõem ou ordenam segundo sua ordem própria.

Sem pretender apresentar aqui uma análise sistemática de todos os mecanismos e de todas as propriedades escondidas que os discursos de autocelebração apenas fornecem de maneira efêmera, esforçamo-nos em descobrir e apresentar, sempre que possível, os elementos necessários para a objetivação das regras de funcionamento do universo aristocrático: assim, por exemplo, a acumulação metódica de informações fornecidas pelos dicionários biográficos e pelas genealogias permitem reconstruir as relações escondidas pelos discursos – as quais a experiência ingênua não deixa ver, ou somente permite em ordem dispersa e aparentando serem inofensivas – fornecidas pelos membros da família em diferentes documentos que tendem a se tornar autoexplicativos.

1. O nome e o título

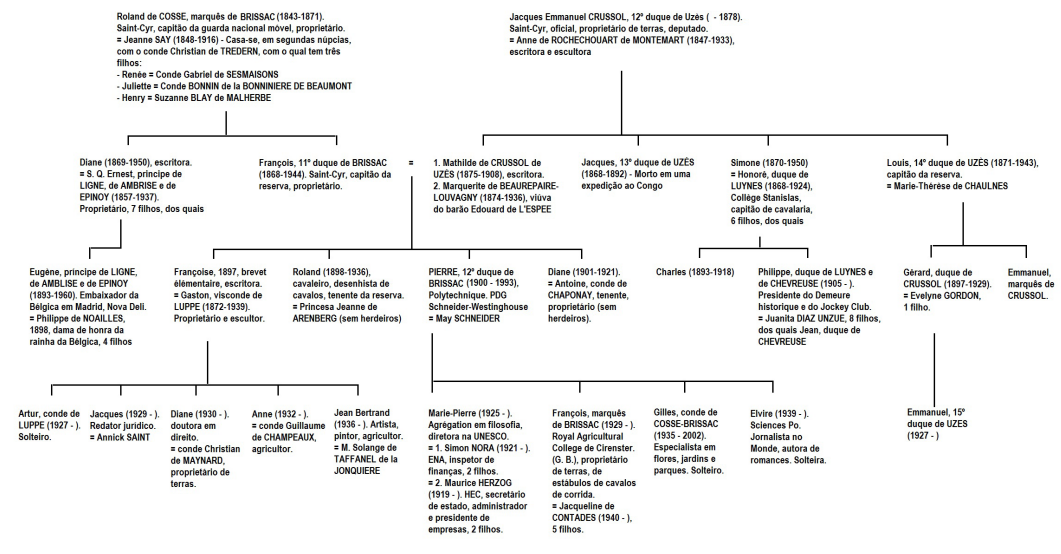
Provavelmente mais do que em qualquer grupo dominante, desenvolveu-se na nobreza o sentimento de pertencimento a uma linhagem, da posse de uma posição, de um título e de um nome. Sob o *Ancien Régime*, “cada grande senhor refere-se de bom grado à sua ‘casa’ [...]. Ao se casar, o aristocrata da corte pretendia, em primeiro lugar, ‘fundar’ e ‘manter’ uma casa, dando-lhe o prestígio e as relações de acordo com a sua posição; e aumentar, na medida do possível, a irradiação desta ‘casa’, da qual ambos os cônjuges seriam os representantes”. Afirmar sua posição era uma necessidade absoluta (ELIAS, 1974, p. 28-29).

Se existe ainda hoje uma autonomia do nome, do título, o prestígio de um nome, a qualidade de “grande família” sobrevivendo por algum tempo à diminuição de seu

patrimônio econômico, o valor de um título ou de um nome não é, contudo, independente da utilização efetiva que cada um de seus portadores faz dele, e do valor que os outros membros do grupo lhe atribuem. O mesmo nome tende a ser tanto mais valorizado, a fornecer mais lucros, quanto ele é possuído por alguém que ocupa uma posi-

ção mais elevada, por um homem mais do que por uma mulher, por um primogênito mais do que por um caçula, por uma mulher casada com um aristocrata de grande família mais do que por uma mulher casada com um plebeu, ou que por uma mulher solteira, etc.

A família de Pierre de Brissac*



* Para os descendentes de Jeanne Say, ver Valynseele (1971).

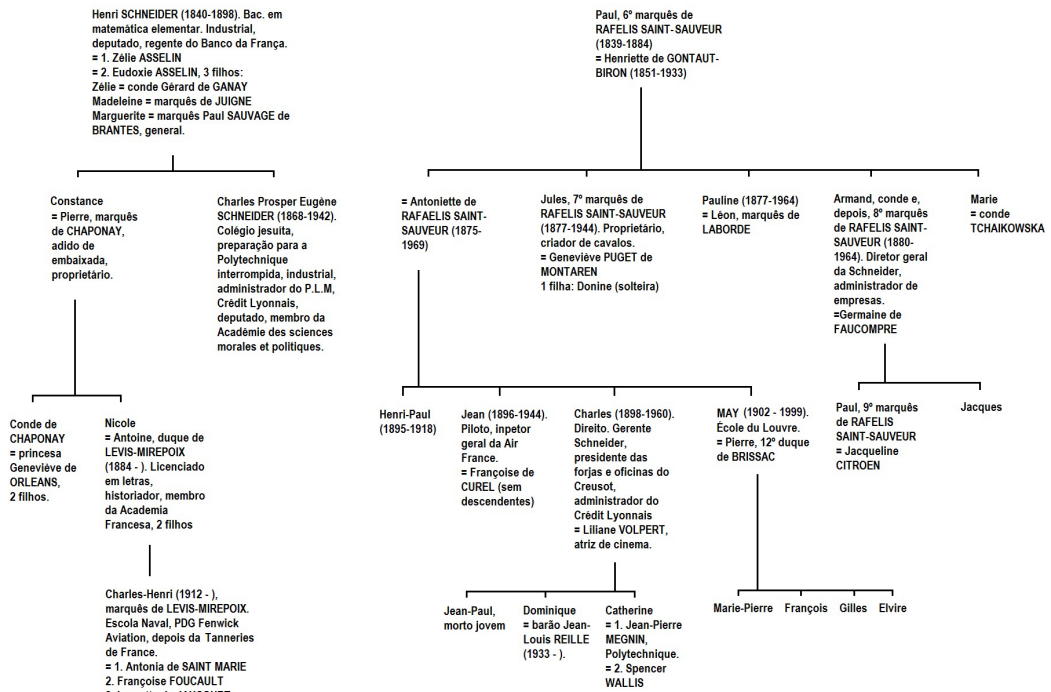
“Na minha infância, acreditava que todo mundo era duque. Entre Brissac, Uzès, Luynes, Noailles, Mortemart, Chaulnes, Broglie, Doudeauville, Lorge, todos os parentes ou familiares de minha família, nada me era mais cotidiano, até mesmo comum do que este título esclarecedor” (BRISSAC, 1972, p. 14). O duque de Brissac não deveria ter herdado este título, visto ser o mais jovem, mesmo assim ele lhe é transmitido em 1944, após a morte de seu pai François de Brissac, ex-aluno de Saint-Cyr, chefe de esquadrão da cavalaria e, posteriormente, proprietário de terras em Brissac; seu irmão mais velho Roland, *gentleman-rider*,

desenhista de cavalos e tenente da reserva da cavalaria, não tivera filhos e morreu acidentalmente em 1936. Inclinado por sua condição e sua educação a acentuar suas obrigações, os “deveres” que lhe cabiam (“*noblesse oblige*”) como detentor de um título e de um nome prestigioso (quatro marechais da França “ilustraram” a família, “aproximadamente trinta Cossé-Brissac caíram nos campos de batalha”) (BRISSAC, 1975, p. 13), e inversamente a minimizar a contribuição do capital social, o duque de Brissac nota, entretanto, que o nome e o título lhe fornecem algumas vantagens:

Um nome histórico é ao mesmo tempo uma graça e uma desgraça, fornece privilégios, privilégios não ponderáveis, quero dizer lugares à mesa e coisas assim, mas especial-

mente e muito mais, isso leva a um modo de agir. Não existem direitos sem deveres, não existem privilégios sem deveres. (Radioscopie, France-Inter, 12 de junho de 1972).

A família de May Schneider



Em parte por causa de seu nome, sem dúvida, que o duque de Brissac foi “designado”, quando estava na Polytechnique, para fazer parte da delegação de quatro polytechniciens que foram para West-Point nos Estados Unidos (BRISSAC, 1977, p. 205). Certamente, deve também a seu nome e a seu título a inclusão em numerosas listas de convite e

de recepção: caça presidencial, almoços nas embaixadas, recepções do “Tout Paris”³, etc. Tudo leva a pensar que ele recebe muitos outros lucros, tais como considerações e cumprimentos, dos quais é beneficiário em sua existência cotidiana o portador de um grande nome⁴. Basta observar que “os dezesseis duques” do *Ancien Régime* têm “todos uma

3. Refere-se ao conjunto das “personalidades” dos mais diversos domínios (política, arte, economia, etc.) que circulam regularmente na vida parisiense. Representa, também, um anuário com nomes e endereços dos que compõem o Tout-Paris (N. T.).

4. Entre os privilégios honoríficos da nobreza, que para a maior parte podem não existir enquanto tais, mas existem nas consciências e nas representações, Marcel de la Bigne de Villeneuve cita “o direito ao banco, ao nicho funerário, às orações nominais, aos vitrais ‘armados’ nas igrejas, direito de portar sua espada, direito às marcas de respeito” (Cf. Bigne de Villeneuve, 1918).

situação social elevada e funções notáveis”, alguns apresentando “um estilo de vida comparável àquele do duque de mesmo nome em 1789” para marcar o valor e a rentabilidade persistentes de um título tão raro e antigo (ALZUYETA, 1977, p. 10). O duque de Brissac o mostra à sua maneira, tanto pelo apego que o faz inscrever seu título no *Sceau de France* – ao passo que “ninguém se preocupou com isto em (sua) família desde o nono duque de Brissac, (seu) tataravô” – quanto pelo desprendimento que o marca ao se perguntar “que mosca de regularidade havia lhe picado” (BRISSAC, 1975, p. 154).

2. O aprendizado dos modos

Em um universo de excepcional homogeneidade, onde cada um conhece perfei-

tamente seus direitos e seus deveres, e que é protegido do exterior por um conjunto de barreiras materiais ou imateriais – tais como os muros e as grandes árvores que colocam o castelo e seus habitantes ao abrigo dos olhares, os bancos reservados no coro da igreja, as inscrições comemorativas dos “bem-feitos” da família, as placas das ruas, caminhos ou parques relembrando o nome de um ou de outro de seus ancestrais mais gloriosos, os lugares de honra nos cemitérios – e sobretudo devido à atenção dada sempre aos membros da família, a consciência de não ser como os outros, de ser de alguma maneira de uma espécie à parte e de pertencer a uma “grande” família só pode se desenvolver e reforçar. Oportunidades para descobrir as diferenças que separam dos outros meios sociais não faltam.

Ao retornar de seus passeios a cavalo, o pai de Pierre, duque de Brissac, “dava um banho nos rapazes com a lança (pois havia ‘o mundo dos especiais que se lavam’ e ... o outro)” (BRISSAC, 1972, p. 117). Jean d’Ormesson, que pertence a uma família da grande nobreza de toga, durante as conversas com seu pai aprendeu a identificar quem era do “seu meio”, e quem não era: os generais eram de seu meio, mas eles eram “tediosos e quase sempre limitados”; “a finança”, era também seu meio, “aonde encontramos os financistas, mas eles não são muito simpáticos”; “um grande escritor (...) se ele fosse conhecido” era também de seu “meio”, eram pessoas agradáveis, visto serem inteligentes e compreenderem as coisas e os seres” (ORMESSON, 1976, p. 32). Os encontros são objeto de um controle muito estrito; a professora austríaca de Pierre de Brissac fora contratada, em grande medida, pelo fato de ser de uma “exemplar dignidade” e, principalmente, “de uma grande família de um ramo puro” (BRISSAC, 1972, p. 37). Os numerosos empregados (“chefe, mordomos, ajudantes de cozinha, criados de servir, auxiliares, cocheiros, motoristas, jardineiros, empregadas, lavadeiras”) que Pierre de Brissac encontrava na casa de seus pais ou de seus avós tinham sido, sem dúvida, cuidadosamente selecionados em função de sua ligação anterior com a família e de suas qualidades morais.

A educação recebida na primeira infância, em uma família da nobreza, é especialmente orientada para a aprendizagem implícita ou explícita das maneiras de se portar, de se apresentar, de falar e de responder a cada um segundo sua posição (por escrito ou oralmente), e das disposições para manter o capital herdado: suas relações, memória do nome, dos títulos, das denominações a dar para cada um, lugares, reuniões (e isso principalmente quando a posição que se ocupa é mais elevada, isto é, para um primogênito mais que para um segundo filho, para um duque mais que para um conde, etc.). Partilhando sua infância entre o hotel particular de seus pais em Paris – primeiro em um “grande” hotel “entre pátio e jardim”, na avenida dos Champs-Élysées, 76, indo até a rua de Ponthieu e “cobrindo dois bons terços de hectares” (BRISSAC, 1972, p. 9), depois em outro na rua Murillo, 26, próximo ao Parque Monceau – e o castelo de seus avós, de seus tios e tias, onde os familiares, os convidados e os amigos eram sempre numerosos, Pierre de Brissac não deixou de ter oportunidades de aprender sobre a vida em sociedade. Entre as lembranças de infância, constam: sua “apresentação” ao rei da Inglaterra Edouard VII” em Pau, aos cinco anos, durante um concurso de cavalos (BRISSAC, 1972, p. 11); o bridge após o jantar com sua avó de Uzès, no castelo de Bonnelles e cujas festas ele acompanhava enquanto sua prima de treze anos já era “uma grande jogadora” (BRISSAC, 1972, p. 21); o xadrez no qual ele se inicia (BRISSAC, 1972, p. 19); a equitação que ele praticava antes de ter sete

anos; as caças com cavalos e cães que ele acompanhava (BRISSAC, 1972, p. 26); “os passeios após a tarde no Parque Monceau, no prado Catelan, em Bagatelle, e no Tir aux Pigeons, no Bois de Boulogne, clube seleta no qual (as crianças) jogavam tênis” (BRISSAC, 1972, p. 50); os jantares de fim de ano junto à sua avós paterna onde cada criança deveria, após o jantar, “fazer (sua) apresentação, recitando, ou cantando” (BRISSAC, 1972, p. 99). “Anfitriã de famosas recepções”, sua avó lhe deu “noções práticas [...] sobre a gestão de terras, cortes em florestas, conta em banco, balanço, capital, ações, obrigações”; ela ensinava também “coisas menos austeras” a seus netos: cantar, fazer um espetáculo (a comédia de salão, então muito praticada) (BRISSAC, 1972, p. 145). “Musicista e cantora excepcional, ela poderia fazer o papel das heroínas do repertório clássico da Ópera e da Ópera Cômica” (BRISSAC, 1973, p. 323). A professora austríaca ensinava – além da leitura, da escrita, da história, da geografia e do cálculo – “o desenho e a aquarela”, lições que soube tirar proveito posteriormente, a julgar o “bom traço de nosso duque”, segundo uma hospede de Brissac (Seu desenho do castelo foi reproduzido em diversos cartões postais ou em potes de mel). Pierre de Brissac, que também sabe tocar corneta de caça e piano, aprendeu muito mais as artes amadoras praticando-as em sociedade, do que se interessando pela música ou pela pintura em si mesmas. A educação recebida tendendo muito mais a inculcar as práticas e as certezas do que as dúvidas.

Esta educação era bastante exigente e rígida. Ex-saint-cyrien⁵, o pai de Pierre de Brissac não “titubeava sobre a disciplina”, queria “fazer de seus filhos espartanos” (BRISSAC, 1972, p. 97). Não excluía alguns momentos de relaxamento e de “liberdade”. A avó materna, a duquesa de Uzès, “nada recusando aos seus netos” lhes “oferece caruagens-camas contra a vontade” de seu genro (Ibidem, p. 46); em Bonnelles, junto à mesma avó, os netos teriam “licença para fazer tudo, exceto incomodar os cervos do parque”) (Ibidem, p. 21). Um uso do tempo regulado e contado – absolutamente monótono, quase imutável, com dias muito ocupados e não deixando muito espaço para a improvisação – favorece também uma aprendizagem total dos modos de ser em sociedade, de se conter, de marcar as distâncias, de se impor sem aparentar e com a maior cortesia. A “modéstia” pode não ser tão fortemente louvada pelos aristocratas, pois ela é o inverso da segurança, da autoridade, que não seriam, por sua vez, suportáveis se não fossem acompanhadas de profissões de fé de simplicidade.

Se a maior parte das aprendizagens são comuns ao conjunto das crianças de uma família, qualquer que seja seu sexo, nota-se, no entanto, uma divisão relativamente marcada dos papéis (as meninas não sendo, até a geração do pós-guerra, destinadas aos estudos e devendo se preparar para o casamento).

Como Pierre de Brissac, Françoise de Luppé, sua irmã mais velha, dedica, em sua narrativa que fez da infância, um amplo espaço à descrição dos castelos nos quais passavam suas férias, e das recepções e caças que organizavam. Em *Le carrefour du chevalier Quiqui* (Pau, Marrimpouey, 1957), este “cavaleiro que procuramos durante toda nossa vida e não o encontramos jamais”, ou talvez o encontremos “ao fim, quando já é muito tarde” (p. 49), Françoise de Luppé enumera longamente os cavalos que lhe foram oferecidos ou confiados, e narra seus passeios a cavalo, as caçadas em que acompanhou seu irmão, desde a mais tenra idade.

Mas a divisão de papéis transparece na evocação de recordações, e também na relação com a escrita e com as próprias lembranças. Se Pierre de Brissac atribui largo espaço aos estabelecimentos escolares frequentados, aos estudos e mesmo às suas leituras, Françoise – que, segundo seu irmão, “possuía características autoritárias e levava a sério seu papel de ‘grande’ (...), de muito boa aluna que apreendia tudo” (BRISSAC, 1972, p. 33) – conta que sua educação, “cheia de deliciosas fantasias”, não a “conduziu a altos diplomas”, mas deixou-lhe “fabulosas lembranças, tesouros de poesia tão fabulosos quanto pergaminhos” (Idem, p. 34-35). Pierre de Brissac não diz nada de sua educação religiosa, nem mesmo que tenha sido, também, fortemente marcado por ela⁶; porque os homens podem, mais facilmente que as mulheres, marcar suas distâncias com relação à religião e à igreja. Contudo, é de bom tom,

5. Ex-aluno da academia militar Saint-Cyr.

6. Entre seus ancestrais, encontram-se “abades, abadessas e três bispos”, um de seus primos, Monsenhor Georges de Cossé-Brissac, é “prelado de Sua Santidade o Papa”; ele tornou-se cavaleiro de São Gregório, completou em 1955 uma peregrinação a pé de Paris a Chartres juntamente com Madame a Condessa de Paris (BRISSAC, 1975, p. 256), toca o órgão “com toda modéstia” na igreja da cidade, etc.

mesmo para uma mulher da nobreza, não manifestar excessiva devoção, e aparentar uma piedade quase ostentatória. Françoise de Luppé era uma criança muito “penitente” e foi profundamente marcada por sua mãe, “que se levantava muito cedo para ir todos os dias à missa”, à noite “ajoelhava-se sobre seu genuflexório para suas intermináveis preces”, após suas orações deitava e recomeçava outras em sua cama” (Idem, p. 16); e por sua avó, com quem “aprendeu a bondade, a indulgência infinita, a louvar a Deus e a louvá-lo por intermédio do Santo Padre de Ars quando ela não estivesse mais” (Idem, p. 78). É uma cultura religiosa mundana, inscrita nas práticas corporais (ficar em casa ou na igreja durante as orações, saudar o bispo...) e nos automatismos verbais (recitar as orações apreendidas de cor), mais do que uma experiência espiritual e *a fortiori* uma iniciação crítica a história da religião e da igreja que Françoise de Luppé e Pierre de Brissac tiveram a oportunidade de adquirir.

3. Escolas de “boa companhia”

Passados os primeiros anos, durante os quais estuda em casa, como seu irmão, com uma professora inglesa e outra austríaca, o duque de Brissac é enviado, aos oito anos, para um colégio religioso. A morte de sua mãe, em 1908, e, um pouco mais tarde, a guerra, sem dúvida estão na ori-

gem das mudanças relativamente frequentes de instituições que, ao menos até sua entrada na *classe de première*⁷, pertenciam todas ao ensino privado. Portanto, como estas instituições são, inclusive os liceus, de fato reservados à grande burguesia e à aristocracia, a homogeneidade de seu meio é assegurada e mantida⁸. Desde cedo mestre na arte de utilizar as relações que possuía, e de adquirir novas, o duque de Brissac não esquecera seus antigos discípulos, os quais terá numerosas ocasiões para reencontrar: viagens profissionais, caças, golfe, férias.

Em Sainte-Marie de Monceau, colégio dirigido por religiosos maristas em Paris no 17^{ème} *arrondissement*, onde os mestres eram “excelentes”, o duque de Brissac esteve sempre entre os primeiros de sua classe, e seu sucesso escolar lhe “credenciou a participar do banquete da Saint Charlemagne” (BRISSAC, 1972, p. 66) (que reunia a cada ano os dois melhores alunos de cada classe), onde ele bebeu muito e teve seu “primeiro porre”. Ele possuía um “dom precioso, o dom da matemática” e considerava “fácil de resolver, desde que se tenha aprendido os truques” os problemas dos trens ou das torneiras. Assim, seus parentes e amigos diziam: “Pierre ama a aritmética. Isso não é normal. Esta criança tem o cérebro um pouco distorcido! E concluíam: Ele certamente entrará na Escola Politécnica!” (Idem, p. 66).

7. A *classe de première* é a primeira etapa do *baccalauréat*, e dá acesso à *classe terminale*, segunda etapa, e a conclusão dos estudos secundários. A idade “normal” na *classe de première* é 16 anos. (N. T.)

8. Em um grupo cercado de fortes proteções contra o exterior e onde as crianças são objeto de um controle muito estrito, a entrada em um estabelecimento de ensino secundário de tal ou tal tipo (quer dizer, mais ou menos prestigioso, mantido por religiosos(as), eles/as mesmos/as de origem burguesa ou aristocrática, ou ao contrário vindos da pequena e média burguesia, frequentado por alunos pertencentes todos ao mesmo meio ou ao menos com uma parte dos alunos provenientes da pequena burguesia) é uma variável determinante que permite dar conta de diferenças de carreira, de gosto e de estilos de vida no interior de uma mesma família.

O duque de Brissac permanece apenas dois anos na Sainte-Marie de Monceau. Por conselho de Madame Eugène Schneider (o duque de Brissac casar-se-ia com sua filha quatorze anos mais tarde), François de Brissac, que gostaria que seus filhos soubessem falar e escrever em inglês, e especialmente se

tornassem “esportivos”, envia-os à Inglaterra em um colégio católico, Ladycross, onde se praticava críquete, futebol, equitação, natação e onde encontravam-se os três filhos de Schneider. Um ano depois, “sempre na linha *mens sana in corpore sano*”, ele fez-lhes entrar no colégio da Normandia.

Este colégio, onde o duque de Brissac passa três anos, sendo sempre o primeiro de sua classe, tinha sido fundado em 1902, sob o mesmo modelo que a École des roches, por admiradores de métodos pedagógicos ingleses. Situado em um parque de 35 hectares, “um paraíso frente aos sombrios cursos de recreação dos liceus parisienses”, ele propunha aos seus alunos numerosas atividades esportivas: tênis, natação, esgrima, etc. “A sociedade parisiense estava representada pelos d’Aulan, de Boisgelin, d’Antraigues, Murat, de Castéja, de Castellane, de Janzé, de Hurtado, Marquiset, Pastré, de Wissocq, os têxteis normandos por Badin e Waddington, Roubaix por Motte, Lille por Delesalle, os negócios de Bordeaux por Exshaw e Johnston, o conhaque Charente por Hennessy, o aço da Lorraine por Raty, os Vosges por Laederich, a metalurgia de Beaufort por Japy, a Grécia tinha enviado dois Ambanopulo, e a Argentina, os de Urquiza, quatro irmãos que descendiam do presidente da república” (BRISSAC, 1972, p. 95)

Em 1914, estando sua família retirada no “pequeno castelo de Grandmont”, em Touraine, o duque de Brissac entra na *classe de première* no liceu Descartes, em Tours, que seu pai, educado pelos jesuítas dos quais ele “apreciava o ensino mas não o espírito” (BRISSAC, 1972, p. 133), preferia ao colégio dos jesuítas da região (um pouco mais longe de Grandmont)⁹. Ele teve professores “dignos e competentes”, camaradas, entre os quais Georges Calzant (“que torna-se um dos líderes do movimento monarquista”), Bernard Hardion, “letrado, bem colocado, sempre cortês, [que] anunciou, aos 16 anos, qualidades que cheiravam à ‘carreira diplomática’, na qual, de fato, ele

faz carreira”. De passagem pelo Rio de Janeiro, em 1957, o duque de Brissac será recebido para jantar na embaixada da França e poderá “reviver com [seu] anfitrião, o embaixador Hardion, as lembranças do Liceu Descartes” (Idem, p. 133-134).

Obtendo uma dispensa de nove meses, passa com sucesso pelo primeiro *baccalauréat* aos “quinze anos e três meses”; no ano seguinte, entra no liceu Janson (rua de la Pompe, 16^{ème} *arrondissement*), enquanto era interno no Gerson (colégio dirigido por um padre sulpiciano), e é recebido na mesma sessão aos *baccalauréats* de matemáticas elementares e filosofia. O liceu Janson é, à época, “um liceu de boa companhia”,

9. Em 1972, 16,5% dos PDG das 216 maiores empresas da indústria, do comércio e dos bancos, nascidos em sua maioria entre 1900 e 1920, passaram pelo liceu Janson.

segundo a expressão de Wladimir d'Omer-sson. Os camaradas, dos quais o duque de Brissac se recorda e que ele cita os nomes (Idem, p. 146-147), pertencem quase todos às antigas e ilustres famílias da aristocracia

ou da burguesia, e a maior parte ocupou posteriormente funções importantes nos negócios ou na alta administração pública, após passarem por uma grande escola¹⁰.

Assim, Robert Gérard – cujo pai foi presidente da Companhia de Saint-Gobain, e o bisavô tinha sido o primeiro presidente da Companhia de Vidros de Saint-Gobain, em 1830 – torna-se presidente da Companhia geral de águas; Ennemond Bizot – filho de Jacques Bizot, Inspetor geral de finanças – foi vice-presidente de Rhône-Poulenc, administrador de Pechiney; Georges de Montalivet – que tem entre seus ancestrais um ministro de Napoleão 1º, um ministro de Luis-Felipe – é, como Robert Gérard e Ennemond Bizot, ex-aluno da Politécnica, mas posteriormente fez carreira militar; Henri de Gouvion Saint-Cyr – é filho de um oficial do qual um dos ancestrais é o conde Montalivet, ministro de Napoleão 1º, e o outro, o marechal Gouvion Saint-Cyr, que foi ministro da guerra – ,ex-aluno da Escola Central, foi presidente da Federação Francesa de tiro com armas de caça; Jacques Georges-Picot – cujo pai era um banqueiro – passou pela Sciences Po, pela Inspeção de finanças, e tornou-se PDG da Companhia financeira de Suez; Philippe Renaudin – cujo pai era inspetor de finanças, e um dos ancestrais foi Paul Leroy-Beaulieu – foi economista, membro do Instituto, e atualmente presidente da sessão honorária do Conselho de Estado; Jean Delorme – cujo pai era co-fundador da Air Liquide – entrou em Mines e foi PDG da Air Liquide.

Ainda interno em Gerson e aluno em Janson, o duque de Brissac prepara-se à Politécnica, e se apresenta ao concurso de Mines, por conselho de seu amigo Robert Gérard; aceito em 1918 em ambas, ele entra na Politécnica.

4. O primogênito e caçula

Considerando que seus dois avôs e seu pai fizeram Saint-Cyr (“o exército era quase a única via onde o ensino dos jesuítas

conduzia a aristocracia”) (BRISSAC, 1975, p. 100), e seu irmão mais velho não fez estudos superiores, o ingresso do duque de Brissac na Escola Politécnica “suscitou menos entusiasmo que movimentos diversos” (BRISSAC, 1972, p. 223) em sua família, mas foi, sem dúvida, muito encorajado por seus professores do liceu Descartes e do liceu Janson.

Isso pode ter ocorrido, também, porque ele não era o mais velho, de quem se espera que siga o mais fielmente possível o papel de representação da família¹¹, mas o

10. Em 1972, 16,5% dos PDG das 216 maiores empresas da indústria, do comércio e dos bancos, nascidos em sua maioria entre 1900 e 1920, passaram pelo liceu Janson.

11. Ser o mais velho, “já é uma carreira”, diz Jean d'Ormesson, a proposito de um dos heróis de *Au plaisir de Dieu* (Paris, Gallimard, 1977, p. 174), Pierre que nasce em 1900 (mesmo ano que o duque de Brissac).

segundo filho, por isso o duque de Brissac teve a liberdade para cultivar seu “gosto pelas matemáticas”, herdado mais dos “Say do que dos Brissac” (Radioscopie). Entre os Brissac, como em várias outras famílias da aristocracia, o mais jovem, que não herda, em princípio, o título da posição de chefe de família, evidentemente é mais encorajado a cultivar seus “gostos”, seus “dons” ou seus “hobbies” do que o mais velho, podendo mesmo, às vezes, engajar-se em uma carreira menos claramente “masculina”. O avô paterno do duque de Brissac foi capitão da guarda nacional móvel, ao passo que seu irmão mais novo, o conde Pierre Cossé-Brissac, tornou-se conselheiro de embaixada. Casado com Thérèse Seillière, irmã do barão Seillière, do Instituto, o conde Pierre de Cossé-Brissac “cultivou as letras e publicou um volume de poemas consagrados à Virgem Santa, intitulado *Confitebor tibi in cithara*. Colecionador, ele reuniu em seu palácio particular, pequenos potes antigos de creme, com suas tampas, destinados a degustar vanila ou chocolate” (BRISSAC, 1972, p. 97). François, o mais velho dos filhos do duque de Brissac, proprietário do castelo de Brissac, futuro herdeiro do títu-

lo, administra a propriedade familiar, enquanto Gilles, o mais jovem, após ter feito línguas, tornou-se um “expert em flores, jardins e parques”.

Se Henry d’Ormesson, mais velho dos filhos do marquês André d’Ormesson (que era embaixador da França), entrou no “serviço de Estado”, como a maior parte de seus ancestrais, e tornou-se inspetor de finanças, Jean d’Ormesson, o mais jovem – que seu pai gostaria de ver tornar-se professor na Sorbonne, embaixador ou conselheiro de estado – “não quis fazer nada. Qualquer disciplina um pouco estrita era-lhe horrível, não tanto por preguiça que, talvez, por apetite”. Ao se “fechar em uma condição”, não correria o risco de lhe “escapar [...] todo o resto do mundo”? Enfim, ele descobre “em uma espécie de felicidade cheia de problemas e tremores, que a única atividade no mundo para a qual [ele estava] não somente disposto mas determinado a tudo sacrificar era a escrita”, e entra nos gabinetes ministeriais, depois na UNESCO, faz jornalismo, escreve “alguns livros”, por um momento dirige *Le Figaro*, e assenta-se na Academia Francesa (d’ORMESSON, 1978, p. 25, 51).

Os Brissac e a história

Os Brissac continuaram demonstrando grande interesse em letras e história (e na história de suas famílias, particularmente). Além de seus três volumes de memórias e o livro *Les Brissac et l’histoire*, o duque de Brissac publicou memórias de sua avó, a duquesa de Uzès (Paris, Grund, 1950), uma “nota histórica e descritiva” sobre o castelo de Brissac (Paris, A. Barry, 1957), relatos de viagens como *Longitudes* (Paris, O. Perrin, 1964) e *North Kapp ou la Norvège vue par un Français* (Paris, Ed. Del Duca, 1967), relatos de caça como *La vénerie* (Paris, Ed. Del Duca, 1966), etc. Prefaciou muitos trabalhos (ver particularmente *Le guide des protocoles et des usages* de Jacques Gandouin, então prefeito de la Nièvre, Paris, Stock, 1972). São numerosas as mulheres da família que escreveram e publicaram poemas ou romances, relatos históricos e memórias. A duquesa de Uzès, avó materna do duque de Brissac, es-

creveu poemas (*Paillettes grises*, Paris, A. Lemerre, 1909, *Paillettes mauves*, Paris, A. Lemerre, 1922, *Poèmes de la duchesse Anne*, Paris, La Poétique, 1911), dramas sob o pseudônimo de Madame Manuela [*Le coeur et le sang*, Paris, Impr. des Mercader, 1890), e também um livro que evoca sua família, *Le voyage de mon fils au Congo*, Paris, E. Plon, Nourrit et cie, 1894). Além da novela *Dans l'ornière* (Paris, Plon, 1905), a mãe do duque de Brissac editou várias obras históricas: *Pendant la tourmente (1789-1792)*, Paris, Flammarion, 1901; *Pages sombres 1789-1794*, Paris, 1904; *Une victime de la haute cour (1792)*, Paris, L. Gougy, 1900, que se apresenta como uma reabilitação de Louis-Hércules, oitavo duque de Brissac, governador de Paris, coronel dos Cent Suisses, “massacrado” em Versalhes em 1792. Françoise de Luppé, irmã mais velha do duque de Brissac, publicou várias coleções de poemas sob o pseudônimo de Marie Cossa, e assinou o livro de memórias *Le carrefour du Chevalier Quiqui* (Pau, Marrimpouey, 1957). Fortemente encorajadas por sua mãe a ter sucesso nos estudos, as duas filhas do duque de Brissac iniciaram uma reconversão, realizando estudos improváveis para mulheres de sua geração e de seu meio – Marie-Pierre, a mais velha, conquistou a *agrégation*¹² em filosofia, Elvire diplomou-se na Science-Po. Contudo, afastaram-se pouco da tradição familiar, buscando apenas dar às suas atividades literárias as aparências de uma profissão. Marie-Pierre tornou-se diretora da divisão de filosofia da Unesco, cargo no qual o capital social herdado e mantido é, sem dúvida, mais lucrativo que o capital escolar adquirido, e publicou ensaios; Elvire foi jornalista no *Monde* por algum tempo e escreveu romances publicados por Grasset, depois na Gallimard e na Stock, e livros infantis, como *Ballade américaine* (Paris, Stock, 1976), lhe dão a oportunidade de abordar, por alto, as aulas de Jean-Baptiste Duroselle na Sciences-Po, as governantas e as festas de sua infância em Brissac, os bailes aos quais ia com seu irmão, seu avô Eugène Schneider, “um ansioso mandarim da etiqueta”, etc.

Seria necessário caracterizar todos esses escritos em seus traços comuns e nas diferenças que os separam. No que diz respeito às obras do duque de Brissac, o traço mais característico é, sem dúvida, uma espécie de falso relaxamento típico da conversa mundana e que, como tantas outras características do comportamento, tem indubitavelmente a função de manifestar a distância em relação aos papéis mantidos e descritos, começando com o papel de escritor: escrevendo nesse estilo, mostra que poderia ter sido escritor, mas, ao mesmo tempo, que não o é. Da mesma forma que, de diversas maneiras, indica que poderia ter sido um político, um artista ou um matemático ao passo que rejeita ser apenas um político, um artista ou um matemático (não procurei “être dans la botte”¹³ na *Polytechnique*). É o que Pascal descreve bem:

12. A *agrégation* é um concurso nacional de acesso aos cargos de professor no ensino secundário (liceu) ou no ensino superior. A aprovação nestes concursos confere o título de *agrégé* (N. T.).

13. Significa ficar nas primeiras posições e, assim, ter fortes chances de assegurar um cargo nos grandes corpos do estado (N. T.).

“Não passamos pelo mundo para nos conhecermos em verso, se não nos colocamos a insígnia de poeta, matemático, etc. Mas pessoas universais não querem uma marca, e não diferenciam muito o ofício de poeta daquele de bordador. Pessoas universais não são chamadas nem de poetas, nem de geômetras, etc.; mas são tudo isso e juizes de tudo isso. Nós não lhes deciframos. Eles vão falar sobre o que estávamos falando quando eles entraram (...)”. “Não podemos dizer: ‘Ele é um matemático’, nem ‘um pregador’, nem ‘um eloquente’, mas: “Ele é da *boa sociedade*” (...)” (Pascal, *Pensées*, Brunschvicg, nº 34 e 35)

5. Os caminhos da reconversão: o campo das carreiras por volta de 1900

Os desvios em relação às trajetórias mais prováveis poderiam ser tão mais frequentes e mais importantes se a família passou ou está passando por um declínio relativamente significativo de sua posição na classe dominante¹⁴. Partidas às colônias, casamentos com ricas americanas, a exemplo de Boni de Castellane, permitiram a numerosos jovens nobres, por volta de 1900, tentar operar uma reconversão¹⁵. Assim, Jacques d’Uzès, o irmão da mãe do duque de Brissac, “este tio tabu de [sua] infância [que o duque de Brissac] nunca conheceu”, “diante das dificuldades que bloqueavam, nesta época, a maior parte das carreiras aos descendentes da antiga aristocracia”, não

se resigna, conta a duquesa de Uzès, sua mãe, “a levar uma vida de facilidades e de ociosidade” (BRISSAC, 1950, p. 40, 43), que era aquela dos aristocratas que dividiam seu tempo entre a caça com cães e cavalos ou arma de fogo e a frequência aos círculos, clubes, recepções e festas em Paris, e organiza uma expedição para tentar uma ligação diagonal entre o Congo e o Egito, em meio a qual morre aos 24 anos.

Sem dúvida, a posição de caçula possibilitou ao duque de Brissac tomar consciência bastante cedo de que o campo das carreiras possíveis era muito restrito, e de assimilar a mensagem deixada por Henri de Martigné, o herói do romance publicado por sua mãe em 1905, o que evitou que ele ou desistisse ou se lançasse em um caminho muito arriscado.

14. Sobre as estratégias de reconversão da classe dominante em decorrência da falência econômica ou social da família, ver Miceli (1978 [1979]), especialmente páginas 91-128, sobre o grupo de romancistas, cronistas da falência da sua própria classe.

15. A partir de 1960, a Escola Nacional de Administração parece ter preenchido a mesma função.

Henri de Martigné, que pertencia à primeira família aristocrática de Anjou, após alguns anos de estudos em Le Mans e em Paris, se alistou no exército. Quando retornou para casa, percebe que sua família, que até então vivia de renda fundiária, havia empobrecido. “Gastamos muito (explica-lhe seu pai), proporcionando aos nossos amigos uma hospitalidade muito suntuosa, sem deixar faltar nada. Pouco a pouco, a vida tornou-se mais cara, as terras, ao invés de render, custam-nos. O luxo ao nosso entorno, mais exigente e refinado, cria-nos novas necessidades [...]. Sem dúvida, a administração de nossas terras não foi muito correta. Seria erro meu? Ninguém me ensinou agricultura, nem nenhuma prática de exploração agrícola” (BRISSAC, 1905, p. 36-37). O único modo de “ultrapassar este entrave” seria, para os familiares de Henri, tentar casar seu filho com uma rica herdeira. Para eles, Henri não teria nenhuma chance de ter sucesso nos negócios, pois “seu nome e sua educação distanciavam-no de compromissos inconfessáveis” (Idem, p. 48). No entanto, contrariando a avaliação de seu pai, Henri intenta ir a Paris “para trabalhar”, escreve a grandes casas industriais, que lhe respondem negativamente: de fato, ele não fez “nenhum estudo especializado” e não “tem qualquer experiência prática” (Idem, p. 69). Seu amigo, o visconde de Melleville, ajuda-o a tomar consciência de que “as portas das carreiras burguesas [lhe] estão fechadas”. “Tu não vais (disse-lhe) fazer medicina ou direito. Aliás, consegues visualizar teu cartão com tal inscrição: Conde de Martigné, advogado na corte de apelações, ou doutor em medicina? Duvido que tenhas muitas causas a defender ou clientes a cuidar [...]. Não podes ser engenheiro. É necessário ter feito estudos especializados. Artista? Sabes pintar? Escritor? Sabes escrever? Se sim, nos dois casos, cuidado, chamar-te-ão desdenhosamente de amador, e não venderás nenhum quadro ou livro [...]. Tens uma ambição desmedida ao querer vincular-te às profissões verdadeiramente classificadas, catalogadas [...]. A rigor, o que podes tentar são pequenos contrabandos laterais”. O visconde Melleville cita-lhe alguns exemplos de um amigo que “trata de vender quadros e aquarelas”, de um outro que “organiza, com bom gosto, apartamentos daqueles que lhe demandam”, e, assim, não são obrigados a “confessar” que trabalham (Idem, p. 70-72). A partir da sugestão de um de seus antigos colegas de colégio, Henri encontra um corretor da Bolsa de Valores, M. Ingermann. O último sonda quantas relações de Henri, que faz parte de dois círculos, da rua Royale e do Jockey, lhe poderiam ser úteis, e propõe que ele se torne um “gerente de carteiras”. Muito criticado por seus familiares e amigos, Henri acaba aceitando. Certo dia, tendo perdido uma soma considerável na Bolsa, é obrigado a confessar a seu pai que estava arruinado; esperava um casamento com uma americana que lhe abandona, preferindo um nobre inglês; parte ao Texas, primeiramente como guardador de gado, e posteriormente torna-se sócio de um grande fazendeiro. Retorna à França para presenciar a morte de seu pai, casa-se com Marthe de Bellac, jovem moça de uma família próxima a sua, e o romance termina com uma mensagem solene de Henri: “Se necessário, gostaria que os Martigné do futuro não tivessem medo de passar por uma Escola central, uma Escola normal, ou qualquer

outra. Não necessariamente por isso o jovem nobre será um engenheiro, um professor, mas terá em seu cérebro as ferramentas, em sua gaveta o diploma necessário. Ele poderá seguir uma carreira no dia em que sua fortuna o exigir [...]. Estávamos soterrados! Todo esforço fora inútil.... Mas se tiver um filho, afirmo que ele sairá do pântano” (Idem, p. 275-278).

Seguindo, de algum modo, o conselho de Henri de Martigné, o duque de Brissac preparou sua entrada em uma grande escola, realizando, assim, um início de reconversão; logo que ingressa na Polytechnique, certo de ter um diploma e poder valorizar, na saída, seu título e sua posição, não julga necessário fazer novos investimentos escolares. Na Polytechnique, ele busca menos aperfeiçoar sua formação científica do que aproveitar todas as possibilidades e ocasiões de divertimentos e reuniões. Ele não é daqueles que “trabalham com afinco” para sair no topo, ou seja, nas primeiras posições a fim de “fazer carreira nos *grands corps técnicos*” (*Ponts et chaussées*, Mines, etc.), mas se posiciona sobretudo entre os futuros “pantouflards”, quer dizer, aqueles que visam ingressar na indústria privada e não estão preocupados com o *ranking* de saída. Ele faz esgrima, participa de campeonatos, se distingue nos cursos de dança (de fato, havia “adquirido certo domínio do *one-step*, tango e Boston”) (BRISSAC, 1972, p. 205), e é convidado aos inúmeros bailes. É na Polytechnique que ele conhece: Pierre Ricard, o melhor aluno, um dos co-fundadores, juntamente com Georges Villiers, do Conselho Nacional do Patronato Francês; Paul Huvelin, que será PDG de Kle-

ber-Colombes e presidente do CNPF de 1966 a 1972 (BRISSAC, 1977, p. 282); Jacques Rueff, que reencontrará em Londres, em 1933, quando era conselheiro financeiro da embaixada (BRISSAC, 1972, p. 359); Louis Armand, que será, entre outras coisas, presidente diretor geral da SNCF¹⁶ e com quem ele terá, ao longo de sua carreira, “relações amigáveis e cordiais” (BRISSAC, 1975, p. 103); André Avril, diretor geral da Schneider-Westinghouse, da qual o duque de Brissac tornar-se-á presidente (Idem, p. 178).

6. Um casal bem ajustado

A maior parte dos casamentos celebrados na família permitiram aos Brissac aliar-se a outras grandes famílias da aristocracia tradicional: François, o pai do duque de Brissac, casou-se em primeiras núpcias com Mathilde de Crussol d’Uzès, filha de Emmanuel de Crussol, duque de Uzès, oficial da cavalaria, proprietário de terras e deputado do Gard, e, em segundas núpcias, com Marguerite de Beaurepaire-Louvagny (viúva do barão de L’Espée)¹⁷; Diane, a irmã do pai do duque de Brissac, casou-se com Ernest, príncipe de Ligne, Amblise e de Épinoy; Simone, a irmã da mãe do duque

16. Société Nationale des Chemins de Fer Français. (N. T.)

17. Os L’Espée se aliam aos Wendel, dinastia antiga da indústria do aço. François de Wendel visitava com frequência os Brissac (BRISSAC, 1972, p. 155)

de Brissac, casou-se com Honoré, duque de Luynes, “embaixador não oficial do duque de Orléans, delegado permanente do rei da França *in partibus*” (BRISSAC, 1972, p. 26); Louis, o irmão de sua mãe, casou-se com Marie-Thérèse de Chaulnes.

Assim, quando o duque de Brissac casa-se, em 1924, com May Schneider, que pertence a uma das grandes dinastias de industriais da metalurgia, ele não foge ao universo dos “bons partidos”, e May Schneider representava, sem dúvidas, uma das melhores alianças matrimoniais, senão a melhor. De fato, ela pertence a uma família da grande burguesia menos antiga que a sua, cuja “glória” (no sentido do grande século) não era tão grande quanto aquela dos Brissac, mas cujas “relações” “os vinculam a grande indústria, as finanças, a administração” (BRISSAC, 1972, p. 263), aos quais eles poderiam se aliar, e cujo patrimônio econômico era muito mais importante do que o daqueles.

Pierre de Brissac, sendo o mais jovem, estava melhor posicionado para casar-se com uma rica herdeira da grande burguesia que seu irmão mais velho, que casou-se com a princesa Jeanne d’Arenberg, filha do príncipe e duque Pierre d’Arenberg, proprietário e criador de cavalos puro sangue, e de Emma de Gramont. Era praticamente impossível às suas irmãs casarem-se com um “não nobre”. Diane, sua irmã mais jo-

vem, casou-se com um tenente, o conde de Chaponay, e sua irmã mais velha, Françoise, casar-se-á um pouco mais tarde com o visconde de Luppé, proprietário de terras e escultor, descendente de uma família “de modesta ilustração e de antiga linhagem” (BRISSAC, 1972, p. 34)¹⁸.

Múltiplos “pontos em comum” revelam-se entre os Brissac e os Schneider. Os Brissac já tiveram diversas alianças com os representantes da grande burguesia, industrial e comercial; pouco numerosas, mas sem dúvida suficientes para permitir aos Brissac manter ou aumentar seu capital econômico (que, composto principalmente pela propriedade de terras, arriscar-se-ia a diminuir ao longo das gerações)¹⁹. O marquês de Brissac, avô paterno de Pierre de Brissac, casou-se com Jeanne Say, filha mais jovem de Louis Say, fundador da grande refinaria de açúcar (aliás, casamento que não foi muito bem visto na aristocracia, e o Faubourg-Saint-Germain não sinalizou nenhuma vontade em frequentar o suntuoso salão da nova marquesa de Brissac, na Praça Vendôme (GERBET, 1952, p. 726): “uma mulher pequena, corpulenta, não sem graça ou dignidade, mas escandalosamente maquiada” (BRISSAC, 1972, p. 58). Emmanuel de Crussol, duque d’Uzès, avô materno de Pierre de Brissac, casou-se com Anne de Mortemart, neta e única descendente de Madame Clicquot, a célebre viúva, “patrona

18. Percebe-se bem aqui que, como mostrou Pierre Bourdieu para o casamento dos bernes e dos cabila (Cf. Bourdieu, 1980 [2011]), o casamento de cada um dos filhos da família depende em boa parte do casamento de todos os outros e, mais amplamente, da história social completa das duas linhagens (especialmente considerada em relação aos casamentos), e que o casamento representa um fato decisivo para a reprodução de um patrimônio inseparavelmente material e simbólico.

19. Assim, quando faleceu Mathilde de Crussol d’Uzès, mãe do duque de Brissac, a fortuna do pai do duc de Brissac era composta, principalmente, de propriedades fundiárias (os valores mobiliários só representavam uma pequena parte desta fortuna); Mathilde de Crussol d’Uzès havia doado uma fortuna considerável à comunidade, particularmente composta de imóveis situados em Paris.

do champagne”, consagrando “a aliança de dois grandes nomes e duas grandes fortunas” (BRISSAC, 1972, p. 24). Contudo, estas alianças com a burguesia de negócios, cuja função objetiva era reforçar o capital social e principalmente econômico, não avançaram até uma verdadeira inserção profissional e uma participação direta nos negócios. Se o pai do duque de Brissac “não fez carreira nas refinarias Say, na qual sua mãe era grande acionista” (BRISSAC, 1975, p. 99), é porque a “noção de derrogação continuava vigente, de modo que não se poderia conceber um duque comerciante de açúcar, vendedor a peso, qualquer que fosse a importância da ‘boutique’” (Idem, p. 100).

Quanto aos Schneider, são, antes de tudo, industriais e banqueiros, mas também proprietários de terras e fazendas. Eugène Schneider, o pai de May, herdou, entre outras coisas, o castelo de Apremont, circundado por uma propriedade contando 2.000 hectares de florestas, e 1.000 de pastagens; possui o castelo da Verrerie em Le Creusot, e uma hotel particular no 8ème *arrondissement* de Paris. Principalmente, os Schneider buscaram alianças com a alta nobreza proprietária: Eugène Schneider casou-se com Antoinette de Rafélis Saint-Sauveur, filha da marquesa nascida da união Gontaut-Biron; Constance, a irmã de Eugène, casou-se com Pierre, marquês de Chaponay, proprietário, por algum tempo adido junto a uma embaixada; as três meia-irmãs de Henri Schneider, o avô de May, casaram-se com aristocratas: Zélie torna-se condessa de Ganay, Madeleine marquesa de Juigné e Marguerite marquesa de Brantes (das quais uma das netas Anne-Aymone casou-se com Valéry Giscard d’Estaing). “May Schneider

descende diretamente, pelo lado materno, de Saint-Sauveur, Masseran, Rohan, Ventadour, Montmorency e Sedan de Louis de Brézé e Diane de Poitiers (...), e liga-se também aos Brézé, senhores de Brissac, antes dos Cossé” (BRISSAC, 1973, p. 23).

O estilo de vida, a educação e as ocupações das duas famílias não são muito diferentes. Se os Schneider tinham um estilo de vida mais austero, guardando mais espaço às atividades profissionais, ao trabalho, “um trem de casa reduzido por espírito de economia” (BRISSAC, 1972, p. 448), se eles buscavam de modo “insaciável” rodear-se de objetos de arte, “muito seguros e muito caros”, quadros mas também mobiliário de igrejas, ogivas, tapeçarias bíblicas, etc.²⁰; e se os Brissac “levavam-se menos a sério apesar de terem um orgulho total”, tinham um lado mais “descontraído”, e haviam vendido suas coleções desde há muito tempo; ambas famílias frequentavam os mesmos lugares, tinham os mesmos divertimentos e entretenimentos. Assim, Eugène Schneider, pai de May, que havia feito seus estudos com os jesuítas, na rua des Postes em Versailles, ao mesmo tempo que François de Brissac, pai de Pierre, tinha entre seus melhores amigos Jacques et Louis d’Uzès, tios de Pierre; “em sua reação contra o assédio e a vida sedentária que lhe impunham os negócios”, sempre teve o cuidado de “relaxar e passava suas férias em família tanto em setembro, em Apremont, onde ele tinha seus cavalos, quanto no verão, em cruzeiros em grandes iates alugados ou em estadias balneárias nas costas da Normandia ou da ilha de Wight (Idem, p. 261). Como May, Pierre e seu irmão Roland eram “frequentemente convidados aos bailes de

20. Sobre Eugène Schneider, ver Brissac (1976, p. 126-127).

jovens que se multiplicavam no período” (Idem, p. 254).

Assim, o encontro entre Pierre de Brissac e May Schneider deve pouco ao “acasamento”. É em 1920, na casa de sua irmã Diane, então doente e acamada – casada com Antoine, conde de Chaponay – que Pierre de Brissac conhece “uma jovem moça que viera fazer uma visita à enferma”; esta jovem, May Schneider, que conversava “com uma voz doce e reservada” era a prima de seu cunhado, que foi quem lhe sinalizou que “ela seria uma mulher e tanto”. Pierre faz-lhe observar que ele “ainda era muito jovem para se casar”, mas que sua prima era “charmosa”. Após, encontrou May em diversas ocasiões, dançaram e posteriormente foi convidado a passar alguns dias no castelo de Apremont (propriedade da família da mãe de May), depois no castelo de la Verrerie, em Le Creusot, onde ficaram noivos, na páscoa de 1924.

Na quinta-feira, 19 de junho do mesmo ano, ofereceram uma grande “recepção de contrato”, no “cours Albert 1^o”, 34, onde os Schneider tinham seu “hotel particular, entre o pátio e o jardim”, com exposição da cesta e dos presentes²¹. Na igreja Saint-Pierre-de-Chaillet que o casamento “foi abençoado por sua grandeza, Monsenhor Marnier, bispo de Belley, o qual havia batizado May quando era arcebispo em Le Creusot”, e batizará o mais velho de seus filhos na presença do bispo de Autun²². A composição do “cortejo”, ocasião privilegiada para exhibir pública e oficialmente o parentesco, “era algo delicado nos casamentos da época”. Pierre de Brissac teve “a oportunidade de ter em seu cortejo três belas patentes fortemente ornamentadas, como a marquesa de Laborde, nascida Pauline de Saint-Sauveur, a ‘jovem’ duquesa de Uzès, nascida Marie-Thérèse de Chaulnes, duas beldades” (BRISSAC, 1972, p. 259-264).

21. A recepção de contrato era seguida pela sessão de contrato, ao longo da qual o notário realizava a leitura, junto ao pai da futura esposa, do contrato de casamento. A cesta era constituída pelo conjunto de presentes do noivo e de sua família; o noivo oferecia especialmente peles (de zibelina) e diamantes. Tecidos, veludos ou cetim, encontravam-se também na cesta. Sobre a organização da cesta e dos presentes, ver Ramon (1924).

22. A maior parte das cerimônias religiosas da família são presididas por altos dignitários ou representantes eminentes da Igreja que, mesmo que não sejam parentes, são frequentemente próximos da família ou associados à família e recebidos na família. Monsenhor Girbeau, bispo de Nimes, presidiu o funeral da duquesa de Uzès; Monsenhor Freppel, bispo de Angers, o funeral de Roland de Brissac. O Padre Père Teilhard de Chardin, que estava entre os “amigos” do duque de Brissac e de May Schneider, batiza Gilles, seu segundo filho (BRISSAC, 1972, p. 376). Monsenhor de Cossé-Brissac “abençoa o casamento de seu filho mais velho, com Jacqueline de Contades (BRISSAC, 1975, p. 324).

Quadro 1 – Composição do cortejo, da varanda da igreja ao altar

Pai de May	Monsieur Schneider	Mademoiselle Schneider	May
Pierre	Conde de Cossé-Brissac	Duquesa de Brissac	Mãe de Pierre
Irmão mais velho de May	Monsieur Jean Schneider	Madame Eugène Schneider	Mae de May
Pai de Pierre	Duque de Brissac	Duquesa de Uzès -viúva	Avó materna de Pierre
O segundo irmão de May	Monsieur Charles Schneider	Marquesa de Saint-Sauveur	Avó materna de May
O cunhado do pai de Pierre	Príncipe de Ligne	Mademoiselle de Brissac	A irmã mais velha de Pierre
O irmão da mãe de May	Marquês de Saint-Sauveur	Marquesa de Chaponay	A irmã do pai de May
O irmão mais velho de Pierre	Marquês de Brissac	Princesa de Ligne	A irmã do pai de Pierre
O cunhado do pai de May	Marquês de Chaponay	Madame Jean Schneider	A cunhada de May
O meio irmão do pai de Pierre	Conde de Tredern	Condessa de Sesmaisons	A meia irmã do pai de Pierre
O segundo irmão da mãe de May	Conde de Saint-Sauveur	Marquesa de Laborde	A irmã da mãe de May
O irmão mais velho da mãe de Pierre	Duque de Uzès	Condessa de Tredern	A esposa do meio irmão do pai de Pierre
O cunhado da mãe de May	Marquês de Laborde	Marquesa de Harcourt	Irmã da avó materna de May
Um primo direito de Pierre	Príncipe Eugène de Ligne	Duquesa de Uzès	A cunhada da mãe de Pierre
Um primo de Pierre	Visconde de Noailles	Duquesa de Lévis-Mirepoix	Uma prima de May
	Duque de Crussol	Condessa Maurice de Cossé-Brissac	A cunhada do avô paterno de Pierre
Um primo de May	Duque de Lévis-Mirepoix	Mademoiselle de Chaponay	Uma prima de May
Um primo de Pierre	Conde Robert de Sesmaisons	Princesa Amédée de Broglie	A irmã da avó paterna de Pierre
O filho da segunda esposa do pai de Pierre	Barão Jean de l'Espée	Madame Henri Say	A esposa do irmão da avó paterna de Pierre

Não apenas as duas famílias eram ajustadas, como poderiam ser uma família da grande aristocracia e uma família da grande indústria, mas também as pessoas. Como bem mostra a composição do cortejo no qual os Brissac (colunas pares) e os Schneider (colunas ímpares) apresentam um capital de títulos de nobreza mais ou menos

equivalentes. Como evidencia a comparação do retrato que o duque de Brissac fez de sua esposa e dele mesmo, May Schneider está em perfeita harmonia com o duque de Brissac, partilham gostos, maneiras e mesmo esta espécie de desenvoltura e de relação distanciada com a condição que lhes caracteriza.

Quadro 2 – Virtudes e aptidões

PIERRE

“Acredito ter autoridade natural, são raros os casos em que me foi necessário, ao longo da vida, elevar a voz para me fazer entender” (BRISSAC, 1972, p.373)

“Eu tentei (também), porque talvez isso também seja uma marca da aristocracia, colocar uma flor na minha arma, uma pena no meu chapéu, adicionar um certo estilo, é isso que pedimos, acrescentar um pouco de fantasia, um pouco do lado pessoal ao que fazemos, mas ainda devemos ter uma base séria em nossa existência (...). Nunca devemos estar satisfeitos conosco mesmo, desde que, como diz Verlaine, Deus não tenha acenado a você” (Radioscopie)

“A água me é natural como a um labrador negro, e o nado é um dos esportes que sempre pratiquei como amador, é verdade, só disputei qualquer competição em minha juventude, no colégio da Normandia (...). Antes da guerra de 39-45, conheci, com May, ou ‘quando garoto’, em benefício de algum lazer ou durante minhas viagens de negócios, os ‘campos de neve’, como disseram os jornalistas, de Megève, Chamonix e Villars-de-Lans na França, Saint-Moritz e Mürren na Suíça, Sestrières na Itália e Igls e Saint-Anton na Áustria” (BRISSAC, 1972, p. 399-400).

“O golfe nunca foi meu esporte preferido; contudo, joguei em Saint-Cloud, Morfontaine, Marly, Dieppe, Deauville, Le Touquet, Biarritz, Chiberta, Hossegor, Hyères, etc. (...). Passei a caçar após os

MAY

“Sua infância e juventude de deram em um ambiente quase real da dinastia industrial Schneider (...). Quando criança, colocou as primeiras pedras e acendeu os altos-fornos em grandes multidões; os ministros, marechais e chefes de estado marcharam para Verrerie du Creusot, e o príncipe de Gales, o futuro Edouard VIII, amigo de seus irmãos, chamou-a de Darling little May (...). Por ter conhecido as honras desde o berço, May criou uma falta de surpresa, uma apreciação serena e um apego calmo de princesa” (BRISSAC, 1972, p. 267).

No Creusot, onde Pierre de Brissac foi nomeado em 1927, adjunto do chefe do serviço mecânico geral das usinas Schneider, May muito agradeou com sua graça e sua simplicidade, aparecendo em cada ocasião, recebendo as mulheres dos engenheiros em La Verrerie e fazendo suas caminhadas na cidade” (BRISSAC, 1972, p. 302)

“May, única filha com três irmãos, foi ternamente amada e conduzida por eles em sua infância. Ela era esportiva, montava a cavalo, nadava e esquiou em Suvretta, na Suíça, então uma inovação” (BRISSAC, 1972, p. 261)

“May foi introduzida ao golfe, à caça com cães e cavalos em Rambouillet, onde ela montava muito elegantemente com uma roupa vermelha, estampas azuis, do Rallye-Bonnelles, e usando o “Lampion” (pequeno tricorne trançado) que lhe caía muito bem” (BRISSAC, 1972, p. 335)

18 anos, desde que pude me manter sobre um cavalo (...). Quanto ao tiro ao alvo, minha primeira permissão data de 1916” (BRISSAC, 1972, p. 400).

“A música ocupava nossos lazeres. Françoise (sua irmã) da qual a mão, pequena, capturava apenas a oitava do teclado, dedicou-se à harpa (...); Diane (sua outra irmã), Roland (seu irmão), Bertin (um sobrinho da segunda esposa de seu pai, que se casaria mais tarde com Raymonde de Castellane), e eu cantávamos, e Gaston Lemaire acompanhava ao piano, tocando todo seu repertório” (BRISSAC, 1972, p. 149). “Faço duas horas de piano cotidianamente, elas são necessárias caso queira tocar convenientemente” (France Soir, 02/05/1977)

“Posei com roupa do Rallye-Bonnelles, vermelha com estampas azuis, e galões de caça, calções brancos e botas com abas, com trompa, chicote e cinto com faca de caça. Para ambientar, trouxe um de nossos cães de matilha, Júpiter ”(BRISSAC, 1975, p. 155).

“May era instruída, com um gosto seguro das coisas da arte que ela aprofundou durante os cursos da École du Louvre” (BRISSAC, 1972, p. 261)

Para seu retrato, May encomendou um vestido de noite feito por Lucien Lelong, o qual ele próprio conduziu os ensaios em seus salões na Avenue Matignon (...).

May Schneider possui todas as qualidades e competências que o duque de Brissac poderia esperar de uma esposa: acrescentando, para completar a enumeração de suas virtudes e aptidões, que ela tem um conhecimento e um domínio perfeito da arte das relações (capaz de completar, em todos os momentos, suas lacunas, ela é “seu *Who’s who*”)²³, um excelente traquejo nas recepções, gosto por viagens... “May, por sua parte, recepcionava muito, mas grande viajante, saía facilmente da capital para ir, com nossos filhos e eu mesmo, sempre que

os negócios me permitissem o lazer, na Itália, Sicília, Inglaterra, Palestina” (BRISSAC, 1975, p. 255).

Na família do duque de Brissac, o casal nem é sempre tão “semelhante” como Pierre de Brissac e May Schneider. Se François, o mais velho dos filhos do duque de Brissac, casa-se com uma amiga de sua irmã Elvire, Jacqueline de Contades, filha do “conde André de Contades, senhor de Blet, próximo de Apremont”, e de Daisy-André Thone, “uma amiga de todas as horas” (Idem, p. 321); Marie-Pierre, a mais velha

23. A narrativa serve como exemplo: “Após um almoço oferecido no Banco da França por Wilfrid Baumgartner, governador, durante o café (...) troquei algumas palavras com um convidado que me parecera inteligente e cortês, mas do qual o nome me havia escapado. Encontrando May, que é meu *Who’s who* nessas ocasiões, lhe pergunto:

- Quem é o senhor com o qual eu falava?
- É um homem importante das finanças, está junto com os Rothschild, e se chama Pompidou.
- Passou-me uma excelente impressão (BRISSAC, 1977, p. 220)

de suas filhas, casa-se “civilmente” assim que alcança a maioridade, em 1947, com Simon Nora, inspetor de finanças, pertencente a uma família judia, filho de Gaston Nora, médico. O “desacordo” é total entre Marie-Pierre e sua família, e o escândalo é grande entre as famílias próximas, que guardam silêncio para que o exemplo de Marie-Pierre não ganhe proeminência entre seus filhos. O duque de Brissac não se atém muito sobre este casamento em suas memórias, sem dúvida com o objetivo de preservar aos olhos de seus leitores (pertencentes de acordo com todas as probabilidades às famílias da aristocracia) a imagem de uma grande família forte e unida. De fato, sem risco algum ele pode, em suas conversas privadas, dispor “da anedota engraçada”, contar as “más escolhas” ou os amores de seus ancestrais; mas o “senso de família”, a moral, lhe impõem passar rapidamente sobre os tropeços e as falhas familiares, sobretudo quando se dirige a um público mais amplo²⁴. Certamente, Simon Nora era “um sujeito brilhante”, mas como o duque de

Brissac havia pressentido, e como deixou claro à Gaston Nora, pai de Simon, que foi “defender com dignidade a causa do matrimônio”, as duas famílias estavam muito distantes (BRISSAC, 1975, p. 165). Marie-Pierre de Brissac e Simon Nora divorciaram-se alguns anos depois, e ela esposará, “na capela do arcebispo, rua Barbet-de-Jouy”, em Paris, Maurice Herzog, filho, neto e bisneto de engenheiro, mais velho de oito irmãos, que “desde jovem adquiriu aquilo que caracteriza os chefes, a autoridade” (BRISSAC, 1977, p. 127), ex-aluno da HEC, escalou o Annapurna, engenheiro e diretor de empresa, “foi ministro da República, mas monta à cavalo” (Radioscopia). Após o casamento civil, não celebrado na prefeitura do 8ème *arrondissement*, mas na casa do duque e da duquesa de Brissac, cours Albert 1º, 36, Monsenhor de Vaumas, bispo auxiliar de Paris, “recebe o sim do casal”, e após a cerimônia, “o cardeal arcebispo Monsenhor Feltin, vai em pessoa, felicitar o casal, os pais, testemunhas, familiares e amigos” (BRISSAC, 1977, p. 130).

24. Ignorando o inconveniente, o marquês de Breteuil, do qual o neto acaba de publicar o jornal, mais de 60 anos após sua morte, adotou um tom bem mais “livre” e desenvolto, não hesitando de contar os amores de seus conhecidos, ou a fazer julgamentos pouco indulgentes sobre eles. Ver Breteuil (1979).

Se a maioria dos membros da família pertence às frações mais tradicionais da classe dominante, a diversificação das posições ocupadas tende a aumentar com as gerações. O pertencimento a esta grande família assegura, assim, a cada um dos seus membros os ganhos, simbólicos notadamente, que correspondem aos recursos acumulados de todos seus membros e que são sem dúvida tanto mais importantes quanto a posição ocupada é mais central: “com um député-maire²⁵ e três conselheiros municipais” na família (entre seus filhos e seus companheiros), “em Savoia, Anjou, e Ile de France”, o duque de Brissac – que foi “tentado pela política”, mas que não exerce mais nenhuma função pública, tendo aceitado “apenas um único mandato eletivo, o mais modesto de todos, o de conselheiro municipal, em Brissac” (“passado” em seguida ao seu filho mais velho) – “pode dizer” que advém de uma família verdadeiramente municipal” (Idem, p. 12, 139 e 252). Em 1971, seu genro Maurice Herzog foi deputado de Haute-Savoie e prefeito de Chamonix; três de seus filhos foram conselheiros municipais, cada um em uma das cidades em que a família possui um castelo, seu filho, François, em Brissac, sua filha, Elvire, em La Celle-les-Bordes, seu filho, Gilles, em Apremont. Um de seus sobrinhos, o conde Charles de Cossé-Brissac, é conselheiro geral em Loire-Atlantique, conselheiro regional dos Pays de la Loire. Igualmente, o capital econômico do duque de Brissac não se reduz ao que ele dispõe enquanto propriedade: “o domínio Brissac, 750 hectares de florestas em mau estado, mais um pequeno vinhedo que dá um bom rosé de Anjou (...), o castelo de La Celle-les-Bordes com somente 4 hectares de terras (...), a residência (onde ele mora) no cours Albert 1º, de 800 m²”²⁶; mas, de certo modo, compreende também os bens e as propriedades de sua esposa, que é “muito mais rica” que ele – May Schneider possuía em 1960, junto com sua mãe, aproximadamente 8% das ações do Grupo Schneider (BRISSAC, 1977, p. 30) –; bem como de seus filhos, inclusive os bens que lhes “legou” e dos quais ele pode usufruir, os castelos ou as propriedades de seus primos ou sobrinhos pelos quais é convidado para estadias ou para caçar, etc.

7. A carreira: uma série de felizes acasos

Saindo da École Polytechnique em artilharia, o duque de Brissac entra na École de Fontainebleau, como aluno-oficial, em 1º de outubro de 1920. No fim de seu ano de estudos, graças a um desses “felizes acasos” que fazem com que ele conheça, encontre ou reencontre em todos os lugares pessoas de

suas relações, sua afetação convergia para sua “satisfação”. Quando estava “de uniforme nas corridas de Longchamp”, seu pai lhe diz: “Venha, vou lhe apresentar ao general de Rascas, que comanda a divisão da cavalaria de Paris”. O general, “encantado” em conhecer seu “jovem camarada”, pergunta-lhe para onde gostaria de ir. “A fortuna não exige nada mais que um cavalo”, e o duque

25. Pessoa que acumula os cargos de deputado e prefeito (N. T.).

26. Segundo entrevista do duque de Brissac, publicada em France-Soir, 2 de maio de 1977.

de Brissac apressa-se para aproveitar a deixa: “General, ficaria muito honrado em servir ao grupo de artilharia a cavalo de vossa divisão, em Versailles”. O general de Rascas lhe responde: “Entendido, meu caro, farei minha parte” (BRISSAC, 1972, p. 225). Tudo combinado, ao retornar à École, quando de sua demanda de afetação, Pierre de Brissac solicita apenas uma, e não três, como usualmente. Em fins de agosto de 1921, encontra-se alistado tal como desejava, no 1º grupo de artilharia a cavalo. Apresenta a sua demissão ao exército em 1924, saindo tenente de artilharia da reserva.

Em 23 de junho de 1924, casa-se com May Schneider, e, em outubro do mesmo ano, ele ingressa na Schneider e Cia., na qual fará toda sua carreira. A passagem pela Polytechnique lhe permite não ser apenas o genro de Schneider, ou o duque de Brissac, mas também polytechnicien. Primeiramente, fica vinculado à divisão de minas, notadamente na mina de carvão da Machine em Decize, que, “curiosamente”, “pertenceu à sua família no século XVIII” (Idem, p. 277). Em 1925, é nomeado secre-

tário técnico do diretor – um polytechnicien – da Empresa metalúrgica da Normandia, filial da Schneider, que se situava em Mondeville, próximo de Caen. Ali, o duque de Brissac cultivava relações úteis. Paul Huvelin, “um jovem colega de l’X²⁷, então chefe de forjas, aparecia com frequência” em sua casa quando ele e sua esposa ofereciam recepções para “as damas do Plateau” (as esposas dos engenheiros) e seus maridos (Idem, p. 283). Se “uma carreira na indústria pesada é dura”, “diversões” não faltavam ao duque de Brissac. No rol constam as seguintes situações, entre outras: “Um casal aparentado ao imperador do Japão veio à França visitar a usina do Creusot e foi recebido posteriormente em Paris por seus sogros para um almoço”, no qual ele e sua esposa participaram; “Um lançamento de submarinos nos estaleiros Schneider de Châlons (...); uma viagem a Luxemburgo, para os Aciéries Réunies de Burbach-Eich-Dudelange (ARBED), da qual seu sogro foi vice-presidente e onde ele “conhece Émile Mayrich, fundador do Cartel europeu do aço”, etc. (Idem, p. 284-285).

Em 1927, o duque de Brissac foi nomeado chefe adjunto do serviço mecânico geral, “o mais importante serviço” da usina de Creusot, posteriormente adjunto do diretor desta mesma usina. Como em Mondeville, e até mais, ele e sua esposa recebem muitos convidados ilustres e amigos, visitam-lhes o rei do Egito, Fouad 1º, o rei Aman Oullah e a rainha Souraya, do Afeganistão, o príncipe George, 3º filho do rei e da rainha da Inglaterra... Em 1929, ele retorna à sede social em Paris, designado para a direção de exploração das usinas, cargo que envolvia “frequentes viagens de trabalho”, e em 1935 é nomeado chefe da divisão de minas de ferro e de carvão. Muito cedo, ele representa a Schneider nos sindicatos patronais e é administrador de várias empresas (filiais da Schneider), uma dezena a partir de 1938.

27. Corresponde à École Polytechnique (N. T.).

Um dia, retornando à Paris, com seu tio de Saint-Sauveur (que era diretor geral da Schneider), de Luxemburgo, onde eles tinham estado presentes ao conselho mensal da ARBED, ele lhe confia “as dificuldades que M. de Beaumarchais criou, cuja gestão à frente da Schneider-Westinghouse (filial da Schneider para a construção elétrica) tornou-se problemática, e que, além disso, estava doente” (Idem, p. 441). O duque de Brissac, consciente daquilo que poderia pedir, a quem, e em que momento, teve uma “inspiração”. “Meu caro tio, (dissolhe), por que não confiar a mim a Schneider-Westinghouse?”. Seu tio, que já o

havia “sondado” e também falado com Eugène Schneider (seu sogro e patrão), argumenta, então, que se tratava de “um cargo difícil”, que a “Casa nunca trata apressada e frivolamente os problemas das pessoas”, que seria necessário “arrumar alguma coisa” para Beaumarchais, que “tinha seus méritos”, e pede para que lhe deixe carta branca e que não comente o assunto. Algumas semanas depois, ele lhe anuncia: “Está acertado, você será o adjunto de Beaumarchais a partir de 1º de março (1939) e, caso sintas-se apto a pegar o bastão, será nomeado para seu lugar de administrador-delegado” (Idem, p. 441-442).

Em março de 1939, o duque de Brissac é, então, nomeado diretor geral da Schneider-Westinghouse, cuja sede social ficava na 32 cours Albert 1º (o duque de Brissac morava no 36, e seus sogros no 34). Após um ano ausente “por conta da mobilização e cativo” (BRISSAC, 1975, p. 51), retorna a seu cargo de diretor geral, mas será nomeado presidente apenas em 1948, por ocasião da aposentadoria de Charles de Beaumarchais, cuja saúde, neste meio tempo, melhorou e ocupará o cargo até sua aposentadoria, mantido, aparentemente, distante dos cargos centrais de gestão do patrimônio de sua bela família. Assim, até a morte de seu cunhado, Charles Schneider, em 1960, ele fica de fora da gerência da Schneider - com a qual “ele não se importava” - por “intrigas medíocres”, contentando-se com um assento no conselho fiscal, que ele “oferece” imediatamente à sua esposa, que participará por quatro anos (BRISSAC, 1977, p. 31).

Conforme avança sua carreira, a parte do trabalho de “representação” (no sentido mais mundano), não pára de crescer, e termina por absorver quase toda sua atividade. Inaugurações de usinas, visita de estaleiros, refeições, recepção de visitantes, lançamento de navios, sessões ao conselho de administração, viagens “profissionais”, onde o “agradável” se soma ao “útil”, pretexto de diversos coquetéis, recepções, constituem uma parte importante de suas

ocupações e acabam por “distrair a austeridade da vida industrial” (Idem, p. 114). Isso ocorre como se o trabalho de representação e de relações, que constitui uma parte importante da atividade profissional dos PDGs das grandes empresas, ganhasse importância ainda maior quando confiado a um aristocrata, e mais ainda, a um aristocrata da família próxima.

A aposentadoria, em 1965, não resulta, ao duque de Brissac, a interrupção com-

pleta de sua atividade “profissional”, nem o abandono de todas as posições que ele ocupava. De fato, ele devia conservar as três posições de administrador: na ARBED (Luxemburgo), na Empresa metalúrgica da Normandia e na SPIE (Sociedade Parisiense para a Indústria Elétrica), e “manter, assim, o contato com uma indústria (que ele) conhecia por experiência, e com os colaboradores, colegas e amigos (que) lá foram feitos” (Idem, p. 142).

8. O “trabalho” mundano

“As mundaneidades tomam muito mais espaço e tempo na vida dos homens de corte do que daqueles da burguesia profissional. O homem de corte é obrigado a receber muito mais pessoas que o burguês, e sua casa está organizada em função disso”, explica Norbert Elias (ELIAS, 1974, p. 38). Uma vida mundana muito ativa, feita de almoços, jantares, recepções, inaugurações, entrega de espadas e condecorações, estreias, festas, bailes, ralis, cruzeiros, viagens, partidas de bridge, de golf, tiro ao alvo ou caçadas, etc., permitiu ao duque de Brissac não apenas gerir o capital social herdado, mas também, talvez, aumentá-lo²⁸.

A caça a cavalo “é, ao mesmo tempo, uma arte e um esporte (...), um esporte muito viril, muito cortês” (Radiocospie); mas ela é também, e principalmente, uma das formas de encontro das mais estritamente reservadas à aristocracia. O duque de Brissac é convidado, todo ano, muitas vezes à

caça com cavalos e cães ou armas de fogo em Sologne, em Berri, em Touraine, na floresta de Rambouillet, etc., às vezes na Bélgica ou na Itália, junto a seus primos, sobrinhos, antigos colegas de escola, vizinhos da “boa sociedade”, amigos de infância ou da família, contatos de negócios, e isso lhe garante “uma modesta gentileza convidando-os à exercitar com os patos reais das lagoas de la Planche-Chevrier, do Boucard, do Cluzeau e das Granges” em Apremont (BRISSAC, 1977, p. 114). Essas caças podem fornecer, também, a oportunidade de falar “incidentalmente” de coisas ou causas que tocam o coração. Foi na ocasião de um tiro ao alvo com o conde de Fels, que lhe convidava regularmente à Voisins e cujo pai “muito versado em artes, letras e na política era um velho amigo da família e foi um dos membros da tripulação” da duquesa de Uzès (BRISSAC, 1975, p. 186), que o duque de Brissac “conversou com Valéry Giscard d’Estaing, ministro das finanças, sobre a solução pouco satisfatória implementada para garantir a gestão da Schneider após o desaparecimento do último gerente da linha” (BRISSAC, 1975, p. 105).

Tanto nessas caças, como em diversas outras ocasiões da vida mundana, o duque de Brissac encontra “muita gente”: grandes aristocratas e burgueses, políticos, presidentes ou diretores de empresas, altos funcionários, escritores, jornalistas, artistas... A relação de algumas cenas desta vida mundana, que não são possíveis de apresentar nem reconstituir aqui em seu conjunto, fornecem ao menos uma ideia da

28. Evidentemente, uma etnografia da vida mundana deveria considerar os locais de férias, os estabelecimentos frequentados. Nota-se aqui, a título de ilustração, que os locais de descanso escolhidos pelo duque de Brissac e sua esposa antes da guerra, Royan-Pontailiac, Pourville próximo de Dieppe, Biarritz, Cannes, Le Touquet, figuram entre os grandes lugares de “elegância” do período, ou estão situados no meio do caminho entre a distância e a proximidade destes lugares. Ver “L’invitation au voyage em France”, *Vogue*, 1924.

extensão das relações sociais mobilizadas pelo duque de Brissac, ao mesmo tempo que ilustram o modo de funcionamento prático de sua rede de relações. O cruzeiro com o Achilleus, organizado por uma jornalista americana Elsa Maxwell, no modelo do cruzeiro dos reis de 1954, ao qual

o duque de Brissac aceita participar em 1955, sem dúvidas, representa um exemplo limite desses encontros falsamente ao acaso; inteligentemente organizados para aproximar pessoas tão semelhantes quanto possível, apesar de seu pertencimento a universos diferentes.

Um “rico armador grego”, M. Stavros Niarchos, reservou o navio Achilleus para um cruzeiro de 15 dias na Grécia, e encarregou-se tanto da locação do navio quanto de todas as taxas em terra, ao passo que a jornalista americana realizou os convites “aos Franceses” (o duque e a duquesa de Brissac “inclusos”), “aos Italianos, aos Ingleses, aos Americanos do norte e do sul, e a outros ‘estrangeiros’”. No grupo italiano, no qual [eles reencontraram] diversos amigos, figuravam famílias patrícias cuja ilustração reúne papas, condottiere, doges, heroínas, cortesãos, santos e podestas (...). Entre os Franceses, representantes da política, com o presidente Paul Reynaud, da diplomacia com o conde de Lagarde, então cônsul geral em Nova York, e sua elegante esposa; em seguida, os amigos de sempre: o duque e a duquesa de Noailles, Madame Louis Jacquinot, cujo marido, ex-ministro da França ultramarina, ficou em Paris por afazeres políticos; Monsieur Robert Chantemesse, parisiense, se houver, o Barão de Cabrol, a condessa de Contades, que, viúva, tornou-se Madame Soldati, irmã de Madame Patenôtre, vice-prefeita de Rambouillet, retida por suas obrigações; um jovem casal, o visconde e a viscondessa de Ribes, essa elegante e bem vestida, uma das belezas a bordo; aqui o Sr. Pierre Galante, repórter de classe (no Paris-Match) e sua esposa Olivia de Havilland, representando o talento da televisão. A América do norte conta com banqueiros, industriais, e membros da sociedade nova-iorquina: Hearst, Foy, Chrysler, Gilbert Miller, Blackwell, Leib, Winston (...). A América do sul: Madame Heeren, Brasileira, cujo nome, Aimée, se justifica pela quantidade de amigos que ela possui no Brasil e em Biarritz” (BRISSAC, 1975, p. 259), que o duque de Brissac conhece bem; durante “uma suntuosa noite” ofertada pelo marquês de Cuevas em Biarritz, ele fez “uma ‘entrada’ como marechal de Brissac, no tempo de Luís XV, junto a Aimée de Heeren como condessa de Barry” (Idem, p. 223). Os convidados não são tão diferentes daqueles que se encontravam nos salões da duquesa de Uzès ou do duque de Brissac antes da guerra. Muitos dentre eles são realmente próximos, amigos ou parentes do duque. Para tomar apenas alguns exemplos, o duque de Brissac conheceu Paul Reynaud em 1930, quando este era ministro das Finanças, e “até foram amigos até sua morte aos 88 anos” (BRISSAC, 1972, p. 418); ele conhecia muito bem Robert Chantemesse, filho de um grande médico, que possuía, em Bourbonnais, o Castelo de Soupaize, não distante de Apremont, foi recebido para uma estadia em Brissac antes da guerra, com quem ele foi aos jogos de inverno na Suíça em 1946, e que recebia-lhe muito, 30 rue Boissy d’Anglas (Idem, p. 429); ou a condessa de Contades, futura sogra de seu filho mais velho, que passava estadias em Brissac, cujo marido era um de seus “amigos” e por quem ele era regularmente convidado

para “atirar nos perdizes” e com quem, na ocasião de um jantar, encontrará Pierre Brisson, diretor do *Figaro*, com quem conversam sobre o filme de Sacha Guitry: *Si Versailles m’était conté* (Pierre Brisson publica, posteriormente, “na manchete” do *Le Figaro littérature* um artigo do duque de Brissac, então presidente da Sociedade dos amigos de Versailles, sobre o filme) (BRISSAC, 1975, p. 253, 321). O barão de Cabrol é um primo do duque de Brissac que construía, restaurava e decorava castelos, casas de campanha, hotéis e cuja esposa, Presidenta do Eссор, organizava grandes festas e bailes de caridade, dos quais participava o duque de Brissac; o visconde de Ribes é um sobrinho do duque de Brissac que se torna PDG do banco Rivaud e casou-se com Jacqueline de la Bonninière de Beaumont, filha de Jean de la Bonninière de Beaumont, sócio e posteriormente presidente de honra do banco Rivaud, Presidente do *Cercle interallié*, primo do duque de Brissac. Madame Louis Jacquinot, nascida Simone Lazard, neta de um dos cinco irmãos que fundaram o banco Lazard em São Francisco é “uma amiga desde sempre” (Idem, p. 236) que casou-se, em 1937, com Maurice Petsche, ministro das finanças, e se casara, em 1953, com Louis Jacquinot, ministro da França ultramarina, a quem o duque de Brissac conheceu durante a inauguração de uma central elétrica em Edea, nos Camarões em 1954 (Idem, p. 236). Durante viagens de negócios a Nova York, o duque de Brissac teve a oportunidade de conhecer personalidades do mundo dos negócios, incluindo William Randolph Hearst, “o magnata da imprensa”, por quem foi convidado várias vezes para jantar (BRISSAC, 1972, p. 320, BRISSAC, 1975, p. 321), e cujo um dos membros da família estava participando do cruzeiro. Para evitar o cansaço, encerrar-se-á essa longa enumeração das propriedades dos participantes, suficientes para dar uma ideia da rede de relações ocultas que os unem ao duque de Brissac, por um lado, e entre eles, por outro.

O cruzeiro fornece a oportunidade de tomar “banhos de mar e de sol”, de visitar templos e museus evidentemente, de evocar lembranças (em Corfou, o duque de Brissac “sauda uma memória de sua família” – de fato, uma das avenidas é decorada com uma estátua do conde de Schulenburg, sob as ordens do qual o cavaleiro de Cossé, sétimo duque de Brissac, “mostrou o valor promissor”) (BRISSAC, 1975, p. 262), e também de participar de mundaneidades, como: “Uma audiência real no Iate Clube de Atenas (...); um coquetel nos escritórios

do jornal ateniense *Kahli Merini* (...). Após, um grande jantar de duzentas pessoas no ‘Jockey Club’ (...); um jantar na embaixada da França...”. Contudo, nada durante que este cruzeiro “pudesse alimentar a crônica parisiense” (“pequenas intrigas”, “fofocas”). Igualmente, nada na narrativa sobre as conversas e propostas, em parte, talvez por não se ter dito grande coisa, sendo o essencial, provavelmente, a participação no cruzeiro, encontrar-se entre pares, e fazer que as pessoas saibam que lá estavam.

A viagem à Andaluzia, organizada em maio de 1956, por Alfred e Charlotte Fabre-Luce, para a qual tiveram “a graciosa idéia de convidar May (e o duque de Brissac) com trinta amigos”, poderia fornecer outra ilustração, não menos exemplar, desses encontros organizados com o objetivo de dar todas as aparências da maior diversidade a um grupo muito homogêneo. “Estavam Valéry Giscard d’Estaing, futuro presidente da República, então deputado do Puy-de-Dôme e sua esposa nascida Anne-Aymone de Brantes (...), Aymone de Brantes (...), Jean-Louis (de Faucigny-Lucinge) (...), Emilio Terry (...); Denise Bourdet e as senhoras Jean Voilier e Muselli. As letras estavam representadas por Jules Sauerwein, Jean Rouvier, Michel Déon e Jean d’Ormesson, futuro membro da academia; a música por Jacques Février; alta costura por Christian Dior. Também faziam parte do grupo, Carlos de Beistegui, Manuel de Yturbe, Victor Grandpierre, Jacques Pillet-Will e sua irmã Monique, condessa de Vassal-Sineuil, e um jovem casal, Marc Henrion e sua esposa, nascida Rosamée de Brantes, irmã de Anne-Aymone” (BRISSAC, 1975, p. 284-285).

Novamente, cada membro deste grupo está unido aos demais por laços muito diferentes: relações familiares, relações de amizade, relações de negócios. Somente uma enumeração completa das propriedades sociais associadas a cada uma dessas pessoas e, em particular, daquelas que definem seu capital de relações sociais e que são conhecidas pelos familiares e, em particular, pelos organizadores das reuniões sociais, permitiria mostrar todos os elos que na narrativa autobiográfica geralmente escondem-se sob os nomes próprios. Assim, para não se ater a mais do que um exemplo, Valéry Giscard d’Estaing “então deputado do Puy-de-Dôme” é o filho de Edmond Giscard d’Estaing, inspetor de finanças e administrador de empresas as quais o duque de Brissac “conhece bem” e de May Bardoux, filha de Jacques Bardoux, deputado e administrador de empresas (os Bardoux eram “amigos” dos sogros do duque de Brissac) (BRISSAC, 1977, p. 298). É na Riviére, propriedade do organizador da viagem, Alfred Fabre-Luce (neto de Henri Germain, fundador do Crédit Lyonnais e filho de Edmond Fabre-Luce, vice-presidente do Crédit Lyonnais, que o duque de Brissac conhece há muito tempo, já que, antes da guerra, ele estava entre os amigos de Roland de L’Espée, com quem havia fundado um jornal efêmero) (BRISSAC, 1972, p. 426)²⁹ e de sua esposa Charlotte Fabre-Luce, nascida Faucigny-Lucinge, que Valéry Giscard d’Estaing conheceu Anne-Aymone de Brantes, cuja mãe é a irmã de Charlotte Fabre-Luce. Quando casou-se com Anne-Aymone de Brantes, Valéry Giscard d’Estaing tornou-se sobrinho de Alfred e Charlotte Fabre-Luce, e também primo dos Schneider e dos Brissac. O bisavô de Anne-Aymone, Henri Schneider é, de fato, o avô de May Schneider (Henri Schneider casou-se, em primeiras núpcias, com Zélie Asselin, com quem teve quatro filhos, incluindo Charles Schneider, o pai de May, o segundo casamento foi com Eudoxie Asselin, com quem teve três filhos, incluindo

29. Roland de l’Espée é filho de Marguerite de Beaurepaire-Louvagny, a segunda esposa do pai do duque de Brissac e do barão Edouard de L’Espee, e foi criado com o duque de Brissac.

Marguerite, que se casou com o marquês Paul Sauvage de Brantes, sogro de Aymone de Brantes e avô de Anne-Aymone). Valéry Giscard d'Estaing é também sobrinho do príncipe Jean-Louis de Faucigny-Lucinge (um dos participantes da viagem), que é irmão de Charlotte Fabre-Luce, a organizadora, e de Aymone de Brantes, e presidente e administrador de muitas empresas, notadamente hotéis e presidente da *Union interalliée*; ele é, também, cunhado de Marc Henrion, outro participante, membro da Diretoria Executiva da companhia financeira holding (do grupo de Edmond Rothschild) e presidente de diversas empresas.

Tal como os clubes, a viagem à Andaluzia ou o cruzeiro na Grécia têm em comum de oferecer todo um conjunto de gratificações afetivas associadas à participação plena em um grupo raro e homogêneo, onde se está “entre”. O duque de Brissac, presidente do Jockey Club, onde fora apresentado por seu pai, era membro do Racing Club, do *Cercle de l'Union*, onde fora apresentado por seu sogro, o Golfê de Rochefort-en-Yvelines, é membro do *Automobile-Club* da França, do Saint-Cloud Country-Club.

Ele foi também, ou ainda é, presidente ou membro do conselho de administração de numerosas associações para a preservação do “patrimônio” histórico ou cultural, ou sociedades de caridade, das quais uma das características é, indubitavelmente, fornecer, a baixo custo, o sentimento de dever cumprido. Altamente procurado, ele “deve” sempre aceitar as inúmeras “presidências” oferecidas, seguindo uma tradição familiar³⁰: “Estamos aqui para servir, é necessário ser generoso e, de qualquer

forma, temos a eternidade para descansar” (BRISSAC, 1977, p. 19). A partir desta máxima, ele preside ou presidiu o conselho do sanatório de Chevilly-Larue, no qual sucedeu a seu tio Maurice, duque de Noailles, a Sociedade Les Parisiens de Paris, a Sociedade dos amigos de Fontainebleau, na qual sucedeu ao marques de Ganay, entre outras; foi também grande prior da ordem de São Lazaro para a França, é presidente da Sociedade dos amigos de Versailles, vice-presidente do Museu da caça em Gien, e da Demeure histórica, presidente dos amigos dos castelos da Loire, grande oficial dos Tastevins de Bourgogne e dos Sacavins de Anjou.

Estes grupos, círculos, clubes, associações, sociedades de amigos, com atividades culturais, históricas, artísticas, sociais, de acolhimento ou esportivas dão “algum trabalho” e, evidentemente, muitos benefícios: recepções, excursões, viagens, espetáculos, conferências, reuniões que permitem tecer redes de relações densas e com múltiplas

30. A duquesa de Uzès, avó do duque de Brissac, presidiu a “União das Pintoras e Escultoras, o Lyceum, o *Automobile-Club* feminino, que ela fundou (presidente insubstituível); ela esculpiu para seus membros um bonê radiador muito bonito representando São Cristóvão. Ela preside a Liga contra o Câncer, o Calvário, a Academia de Esportes da Mulher, o Saint-Hubert-Club, os Louvetiers da França. Ela preside a *Oeuvre des Bibliothèques*, as *Pouponnières* da França, os *Pupilles de la Nation de Seine-et-Oise*, a *Nouvelle Étoile des Enfants* da França, a Fraternidade Artística, a União da Ginástica Francesa”. Ver em Puget (1950, p. 69).

ligações. A “vida mundana” propõe este trabalho de acumulação, de manutenção e de gestão de relações como uma tarefa constante, a qual encontra seu máximo rendimento em todas as ocasiões especialmente arranjadas para este fim, mas que não são o seu próprio fim: este trabalho é a condição da reprodução do capital social e de acumulação dos lucros que lhe estão associados.

Referências

- ALZUYETA, J. D. *Les ducs français em 1977*. Nantes: Cid., 1977.
- BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. [BOURDIEU, P. *O senso prático*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2011].
- BRETEUIL, Marquês de. *La haute société. Journal secret 1886-1889*. Paris: Atelier Marcel Jullian, 1979.
- BRISSAC, Duque de. *La duchesse d’Uzès (1847-1933)*. Paris: Grund, 1950.
- _____. *En d’autres temps, 1900-1939*. Paris: Grasset, 1972.
- _____. *La suite des temps, 1939-1958*. Paris: Grasset, 1975.
- _____. *Le temps qui cort, 1959-1974*. Paris: Grasset, 1977.
- _____. *Les Brissac et l’histoire*. Paris: Grasset, 1973.
- BRISSAC, E. de. *Ballade américaine*. Paris: Stock, 1976.
- ELIAS, N. *La société de cour*. Paris: Calmann-Lévy, 1974. [ELIAS, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001]
- GERBET, P. *La belle époque*. In: BOUDET, J. *Le monde des affaires*. Paris: Sede, 1952.
- LARMANDIE, Conde L. de. *Du faubourg Saint-Germain en l’an de grâce 1889. Étude physiologique et documentaire*. Paris: E. Dentu, s.d.
- MICELI, S. *Les intellectuels et la classe dirigeante au Brésil (1920-1945)*. Paris: EHESS, 1978. [MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.]
- ORMESSON, Jean de. *Au revoir et merci*. Paris: Gallimard, 1976.
- _____. *Le vagabond qui passe sous une ombrelle trouée*. Paris: Gallimard, 1978.
- PUGET, J. *Jugements et portraits*. In: BRISSAC, Duque de. *La duchesse d’Uzès (1847-1933)*. Paris: Grund, 1950.
- VILLENEUVE, M. de la Bigne de. *Essai sur la théorie de la dérogeance de la noblesse considérée dans ses rapports avec la constitution sociale de l’ancienne France*. Rennes: Impr. H. Riou-Reuzé, 1918.

RESUMO

Portador de um dos mais prestigiosos títulos e nomes, herdeiro de uma grande família da nobreza militar que “serviu a França por 500 anos”, ex-aluno da Ecole Polytechnique, diretor-presidente de uma das filiais da Schneider, o décimo segundo duque de Brissac, que se casou com May Schneider, uma descendente de uma das maiores famílias de industriais, é a realização do aristocrata perfeito, possuindo um notável conjunto de qualidades e características distintas. O capital social herdado de sua família e que ele jamais deixou de manter e valorizar, ao mesmo tempo em que sabia, ocasionalmente, reconvertê-lo, está, sem dúvida, na raiz desta concentração de riquezas. Centro de uma rede de relações com uma extensão e densidade excepcionais, o duque de Brissac adquiriu desde a infância, nos estabelecimentos de ensino secundário de “boa companhia” que frequentou, a arte e o gosto de cultivar as relações herdadas, e de as ampliar. A análise das memórias do duque de Brissac e de várias obras escritas por outros membros de sua família permitiu reconstruir a história desse empreendimento de acumulação e gestão de capital social.

PALAVRAS-CHAVE

Capital social. Redes de relações. História. Brissac.

ABSTRACT

The bearer of one of the most prestigious titles and names, the heir to a great family of the military nobility in which “they have served France for 500 years”, a former pupil of the Ecole Polytechnique, managing-director of one of the sister-companies of the Schneider Corporation, the Twelfth Duke of Brissac, who married May Schneider, a descendant of one of the greatest ironmasters families, is the realisation of the perfect aristocrat, possessing a remarkable aggregate of qualities and distinctive features. The social assets handed down to him by his family which he has constantly built up, maintained and exploited while knowing, whenever the occasion demanded, how to reconvert it, are, without doubt at the root of this concentration of riches. At the focal point of an exceptionally widespread and dense network of relations, the Duke of Brissac has acquired, from infancy and later in “well-bred” High Schools, a taste for cultivating and extending the kinship networks devolved on him through inheritance. The analysis of the memoirs of the Duke of Brissac and of several works written by other members of his family has enabled the author to trace the history of this pursuit of the accumulation and management of social assets.

KEYWORDS

Social capital. Networks. Family. History. Brissac.

Recebido em: 02/05/2018

Aprovado em: 23/07/2018